

ARISTÓTELES E A PERTINÊNCIA DO MÉTODO DIAPORÉTICO

ARISTOTLE AND THE RELEVANCE OF DIAPORETICAL METHODOLOGY

ANTONIO CARLOS DA SILVA PINHEIRO*

Resumo: Ao longo da história da filosofia, o que se seguiu foi uma variedade de sistemas filosóficos que aparentemente permaneceram fiéis à metodologia aristotélica. O objetivo deste trabalho é apresentar de maneira clara a “metodologia diaporética”, reforçando sua pertinência para o desenvolvimento da filosofia. Para isso, recorreu-se principalmente ao programa delineado na *Metafísica* III.1,995a24-b4, onde se esboça o método diaporético de condução da investigação aristotélica.

Palavras-chave: Aristóteles; método diaporético; *Metafísica*.

Abstract: Throughout the history of philosophy there has been a variety of philosophical systems that have apparently remained faithful to Aristotelian methodology. The objective of this article is to present Aristotle's “diaporetical methodology” in a clear way, reinforcing its relevance for the development of philosophy. For this purpose the program outlined in *Metaphysics* III.1,995a24-b4 was used, where the diaporetic method of conducting Aristotelian research is outlined.

Keywords: Aristotle; diaporetical method; *Metaphysics*.

INTRODUÇÃO

No terceiro livro da *Metafísica*, Aristóteles passa a defender a necessidade de um método para alcançar a “ciência” que o tratado tem por finalidade. Aristóteles passa então a esboçar o que se convencionou chamar o “método diaporético” de condução de investigação. O método recebe esse nome por causa do verbo διαπορέω (*diaporēō*)¹ e, se pudermos considerar a forma διαπορήσαντες, em *Met.* I. 2, 982b15, como a primeira² utilização do verbo,

* Pesquisador na Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3438-4482>. E-mail: ant.carlos@alu.ufc.br

¹ *Met.* III. 1, 995a28.

² Berti (2012, p. 24) chama atenção para o fato de o conjunto atual dos livros da *Metafísica* não corresponder, necessariamente, a uma sequência ou ordem concebida por Aristóteles. É possível encontrar uma lista com todos os usos do verbo διαπορέω no site *Perseus*, confirman-

então este passo poderia ser tomado como ponto de partida da reflexão de Aristóteles sobre o método diaporético, que é, então, retomado no livro terceiro.

O método diaporético de Aristóteles começa pela definição do que será pesquisado, ou seja, da identidade do objeto de pesquisa. Uma vez identificada a identidade do objeto de pesquisa, as dificuldades vão sendo notadas, seja pelo fato do pesquisador as experimentar, seja por encontrá-las nas opiniões daqueles que afirmaram algo a respeito delas. Aristóteles defende, assim, um segundo passo: a necessidade de recolher as opiniões dos predecessores. Para o estagirita, é no estudo do que os outros disseram que estão os problemas que nós temos que resolver, e é por meio das críticas feitas às respostas dos outros que ele passa a mostrar outros problemas que são expostos nas suas respostas. E assim, Aristóteles apresenta as teses de seus predecessores como justificativa, e não explicação, para sua própria tese.

1. O OBJETO DE PESQUISA

O fim que se pretende, como já foi dito, é um tipo específico de “ciência” (ἐπιστήμη)¹. Aristóteles, no início de seu tratado, parece tentar explicar como é possível adquirir a ciência de qualquer coisa, afirmando, primeiramente, que “ciência e arte chegam aos humanos mediante a experiência”². A declaração de Aristóteles parece sugerir uma distinção entre “ciência” (ἐπιστήμη), “arte” (τέχνη) e “experiência” (ἐμπειρία) e como desta se chega às outras duas. A experiência, para o filósofo, deriva da “memória” (μνήμη)³ como um registro de uma série de imagens produzidas pela “sensopercepção” (αἴσθησις)⁴. As “muitas memórias” (πολλὰ μνημαί), de uma mesma coisa ou fato, têm a “capacidade” (δύναμιν) de produzir uma experiência “completa” (ἀποτελοῦσιν)⁵.

do a nossa suposição. Para ter acesso à lista, seguir o seguinte endereço: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/searchresults?q=diapore/w&target=greek&doc=Perseus:text:1999.01.0051&expand=lemma&sort=docorder>.

¹ *Met.* III. 1, 995a24.

² *Met.* I. 1, 981a2-3 (tradução nossa)

³ *Met.* I. 1, 980b28

⁴ *Met.* I. 1, 980a26-980b29. Malcolm Heath (2009, p. 4) afirma que Aristóteles faz uma distinção entre a “percepção” e a “compreensão racional” (ἐπιστήμη). A primeira está ligada aos particulares e deve ser entendida como conhecimento de fatos particulares. Esse tipo de conhecimento é compartilhado entre os animais. O segundo tipo de conhecimento é de conhecimento universal e nos distingue dos demais animais.

⁵ *Met.* I. 1, 980b29-981a1 (tradução nossa).

Por sua vez, “das muitas experiências” (πολλῶν τῆς ἐμπειρίας), diz Aristóteles, é que se “produz” (γίγνομαι) a arte⁶. Contudo, há um detalhe importante destacado por Aristóteles: a arte não é produzida espontaneamente, apenas pela reunião das muitas experiências, mas é “gerada de” um “julgamento universal sobre objetos semelhantes”⁷. As muitas experiências são a base para formação do juízo universal. Parece que a primeira distinção feita por Aristóteles é entre um conhecimento do tipo particular (experiência) e um do tipo universal (arte)⁸.

O exemplo apresentado por Aristóteles é suficiente para deixar clara a distinção. Aristóteles explica que ao dizer que o tratamento de determinada doença (νόσος) fez bem a um determinado sujeito (Cálias, por exemplo), isto se refere à experiência. Já quando se diz que tal tratamento faz bem para um grupo de determinadas pessoas, “isto é uma questão de arte”⁹. Em resumo, explica Aristóteles, os “empíricos” (ἐμπειροί) conhecem o “fato” (τὸ ὄντι) enquanto os que têm a arte possuem o conhecimento do “porquê” (τὸ διότι) e da “causa” (αἰτία)¹⁰. Para Aristóteles, experiência e arte são complementares¹¹.

O passo seguinte é descrever o que é a ciência. A ciência é identificada com a arte¹². Porém, Aristóteles também parece fazer uma distinção entre elas, especificando que a arte é um conhecimento do tipo prático, enquanto a ciência é “teorética” (θεωρητικός)¹³. Assim como experiência e arte são complementares, a ciência resulta da arte, manifestando-se como um tipo de “saber” superior, mas que sem a discussão sobre o que disseram os antecessores não se pode atingir.

⁶ *Met. I. 1*, 981a5-6 (tradução nossa).

⁷ *Met. I. 1*, 981a6-7 (tradução nossa).

⁸ A confirmação é feita pelo próprio Aristóteles em *Met. I. 1*, 981a15-16 ao dizer que “a experiência é conhecimento das coisas” e “a arte é conhecimento dos universais” (tradução nossa).

⁹ *Met. I. 1*, 981a7-12.

¹⁰ *Met. I. 1*, 981a29-30. Enrico Berti (2012, p. 36) explica que a experiência, em Aristóteles, tem por objeto “o quê” (τὸ ὄντι), o fato individual. A arte, por sua vez, trataria do “porquê” (τὸ διότι), a explicação da causa.

¹¹ Aristóteles usa o exemplo do médico para mostrar como é necessário o conhecimento universal e particular para o tratamento dos pacientes (*Met. I. 1*, 981a18-24).

¹² *Met. I. 1*, 981b8-9.

¹³ *Met. I. 1*, 982a1. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles afirma que “a ciência é o conhecimento dos universais” (*Étic. Nic. VI. 6*, 1140b30). Heidegger (2018, p. 25-26) explica que “a filosofia é *epistémē tis*, uma espécie de competência, *theoretiké*, que é capaz de *theorein*, quer dizer, olhar para algo e envolver e fixar com o olhar aquilo que prescrua.”

No final do cap. 1, do livro primeiro, Aristóteles afirma que “a sabedoria” (ἡ σοφία) é uma ciência dos princípios e das causas¹⁴. No início do capítulo seguinte, o estagirita especifica que é esse tipo de ciência que ele busca. Logo, é possível compreender melhor a declaração aristotélica e perceber a distinção feita pelo filósofo ao afirmar que “ciência e arte chegam aos humanos mediante a experiência”.

2. O MÉTODO DIAPORÉTICO

Uma vez identificada a sabedoria como a ciência que Aristóteles busca, e entendida como um conhecimento do tipo teórico que visa os universais, o filósofo passa a descrever o método para se chegar a essa ciência. O primeiro passo é identificar as “dificuldades” (ἀπορήσαι)¹⁵. Estas, são entendidas como as dificuldades retiradas do estudo dos predecessores, bem como aquelas que eles não identificaram. Em síntese, Aristóteles parece sugerir uma investigação que parta de um resumo detalhado das opiniões dos predecessores, identificando as dificuldades explícitas em suas propostas, ou implícitas ou, ainda, não tratadas por eles.

Como foi sugerido no início, o método apresentado no início do livro terceiro parece ser uma formulação de processo desenvolvido a partir do livro primeiro da *Metafísica*. Os passos dados até a formulação do método diaporético, no início do livro 3, podem ser descritos como se segue. No capítulo 6 do livro I, Aristóteles apresenta as opiniões dos predecessores. No capítulo 7 é apresentado um resumo das opiniões recolhidas e, no final do mesmo capítulo, um segundo passo é sugerido: examinar as dificuldades contidas nas opiniões dos predecessores¹⁶. Essas dificuldades estão tanto na forma “como” foram expressas, quanto sobre “o que” se expressam.

O cap. 8 será dedicado a apontar uma série de dificuldades reconhecidas nas opiniões dos predecessores. As dificuldades são apresentadas segundo os grupos que Aristóteles utiliza para separar os tipos de opiniões. Os primeiros são aqueles que “afirmam o todo como uma unidade e postulam como matéria uma realidade única, corpórea e dotada de grandeza”¹⁷. O segundo grupo é dos que defendem “um número maior de elementos”¹⁸ para a

¹⁴ *Met.* I. 1, 982a2.

¹⁵ *Met.* III. 1, 995a25.

¹⁶ *Met.* I. 7, 988b20-21.

¹⁷ *Met.* I. 8, 988b22-23.

¹⁸ *Met.* I. 8, 989a19-20.

realidade, referindo-se à “geração, corrupção e o movimento”¹⁹. Por último, vem a crítica àqueles que “postulam como princípios as Formas (ιδέας) e as causas (αιτίαι)”²⁰, nomeadamente Platão e os platônicos. Aristóteles parece entender que, de alguma forma, as opiniões dos predecessores apresentam as causas que ele mesmo estabeleceu²¹.

Mais uma vez, ele recomenda voltar às dificuldades levantadas pelas opiniões a fim de se obter alguma ajuda nas soluções daquilo que define como “ulteriores problemas” (ὑστερον ἀπορίας)²². No capítulo 1 do livro segundo, Aristóteles parece querer mais uma vez justificar a relevância das opiniões. De acordo com o filósofo, apesar de ninguém ser capaz de “atingir a verdade adequadamente”, é possível colher “algo de verdadeiro sobre a natureza das coisas” naquilo que cada um diz²³. O estagirita ainda complementa afirmando que o acúmulo das opiniões contribui na investigação, ou seja, quanto mais opiniões forem reunidas, mais fácil se tornará a investigação²⁴.

Na sequência, Aristóteles parece admitir que as “dificuldades de compreensão” podem estar não só “nas coisas”, mas também em nós mesmos²⁵. Aqui, é importante ressaltar que as “dificuldades” às quais Aristóteles faz referência não são as mesmas apontadas anteriormente, em *Met.* I. 7, 988b21. Aquelas se referem a “dificuldades” (ἀπορίαι) colhidas das opiniões dos predecessores, enquanto estas são encontradas na investigação dos fatos da realidade. As primeiras levam ao impasse e as últimas, à incapacidade de reconhecer coisas naturalmente evidentes²⁶.

No capítulo seguinte, Aristóteles chega à conclusão de que “há um princípio primeiro”²⁷ como causa das coisas. A conclusão aristotélica se segue

¹⁹ *Met.* I. 8, 989b20-24.

²⁰ *Met.* I. 9, 990b1.

²¹ *Met.* I. 10, 993a11-15.

²² *Met.* I. 10, 993a27.

²³ *Met.* II. 1, 993a30-993b1 (tradução nossa).

²⁴ *Met.* II. 1, 993b1-4.

²⁵ *Met.* II. 1, 993b7-9 (tradução nossa). Optou-se por traduzir τῆς χαλεπότητος por “dificuldades de compreensão” para diferenciar e não confundir com as “dificuldades” (ἀπορίαι) apontadas em *Met.* I. 7, 988b21.

²⁶ *Met.* II. 1, 993b7-9. Aristóteles afirma que a razão em nossa alma tem dificuldades para reconhecer “as coisas que são, por natureza, mais evidentes” (tradução nossa). Por serem tão claras, chegam a nos ofuscarem, como a claridade do dia ofusca um morcego, impedindo de reconhecê-las.

²⁷ *Met.* II. 1, 994a1.

de três premissas²⁸: 1) as causas das coisas não podem ser uma série infinita; 2) as causas eficientes não podem formar uma série infinita de coisas; 3) as causas finais não podem continuar *ad infinitum*. O resultado é a identificação de três termos, dos quais um (“intermediário”) implica na necessidade dos outros dois, um “anterior” e um “posterior”. Não podendo ser este último a causa inicial das coisas, segue-se que o primeiro termo (“anterior”) deve cumprir essa função, sendo a única causa de todas as coisas, seja pelos motivos já apresentados pelas premissas ou pelo fato de que “se não há primeiro, não há causa”²⁹.

O passo seguinte, dado por Aristóteles, é tentar demonstrar que todas as coisas existem em razão de um fim³⁰. Retomando a terceira premissa, Aristóteles afirma que tanto é impossível que as causas continuem infinitamente, quanto é necessário que haja um fim objetivo para toda coisa, alegando a irracionalidade de algo que começasse sem que tivesse em mira um fim específico³¹.

O terceiro capítulo marca a importância do método para obtenção da ciência³². A primeira coisa que Aristóteles ressalta é a importância do “costume” (ἔθος) dos “ouvintes” (ἀκροάσεις)³³. Segundo o Estagirita, o “dito” deve estar de acordo com quem ouve, ou seja, mais do que um discurso bem elaborado é necessário um público qualificado. O “costume” aqui mencionado implica em um conjunto de hábitos fundamentais para compreensão dos ensinamentos transmitidos, sendo a apropriação da linguagem o primeiro deles.

Aristóteles exige uma linguagem específica, uma linguagem que seja “bem conhecida” (γνώριμον) a fim de evitar equívocos como a “incognoscibilidade”³⁴. A linguagem exigida é um hábito que se adquire como parte da formação dos ouvintes, exercendo sua influência sobre o conhecimento deles. Dependendo de que hábitos foram submetidos em suas formações, Aristóteles afirma que alguns serão mais inclinados a discursos mais “precisos” (ἀκριβής), como os dos matemáticos, e outros menos precisos como aqueles que recorrem a exemplos e aos poetas³⁵.

²⁸ *Met.* II, 2, 994a2-10.

²⁹ [...] μηδέν ἐστι πρῶτον, ὅλωσ αἴτιον οὐδέν ἐστιν. *Met.* II, 2, 994a18-19 (tradução nossa).

³⁰ *Met.* II, 2, 994a19-994b16.

³¹ *Met.* II, 2, 994b10-16.

³² *Met.* II, 2, 994b32-995a20.

³³ *Met.* II, 2, 994b32.

³⁴ *Met.* II, 3, 995a2-3.

³⁵ *Met.* II, 3, 995a6-10.

Dessa forma, o modo pelo qual os ouvintes são instruídos influencia na forma como irão proceder, o que sugere a necessidade de uma instrução anterior ao ato de se adquirir determinada “ciência” (ἐπιστήμην) ou o “modo” (τρόπον) de se chegar até ela³⁶. Com uma linguagem “bem conhecida”, Aristóteles parece sugerir não um vocabulário comum em sentido popular, mas uma linguagem que seja própria entre os ouvintes que pretendam adquirir determinada ciência ou método. Mas para adquirir tal linguagem, implicitamente Aristóteles pressupõe alguém que já esteja de posse de certa ciência, de seu método, assim como dos termos que são particulares a ela. Essa linguagem é convencionalmente estabelecida entre os ouvintes que a recebem e aquele que a transmite. Este, por sua vez, será responsável pelo treinamento dos ouvintes, que pelo costume se tornarão capazes de se expressar nos termos próprios de determinada ciência, evitando certas incompreensões, bem como serão capazes de optar pelo melhor método que se adeque a cada caso.

Aristóteles conclui o capítulo afirmando que o “rigor matemático” (ἀκριβολογίαν τὴν μαθηματικὴν) se aplica a coisas que não têm “matéria” (ὕλην), mas que não pode ser usado como “método” (τρόπος) para coisas “da natureza” (φυσικός), visto que esta é constituída de matéria³⁷. Feita essa observação, Aristóteles sugere fazer então uma investigação do que seja “a natureza” (ἡ φύσις) e do que é “próprio da natureza” (ἡ φυσικὴ) ou das “ciências naturais”, para só então determinar o tipo de “ciência” (ἐπιστήμης) que é, suas “causas” (τὰ αἴτια) e “princípios” (τὰς ἀρχὰς)

3. A ORDEM DA PESQUISA

Os passos descritos parecem culminar na formulação do método no livro terceiro. O sucesso da investigação dependerá do procedimento adotado, é o que parece sugerir Aristóteles. O método que conduzirá a investigação consiste em, basicamente, “bem solucionar aporias” (διαπορῆσαι καλῶς)³⁸. Para isso, Aristóteles sugere iniciar a investigação pelo conhecimento geral das dificuldades apresentadas pelos predecessores, das dificuldades que resultam das formulações deles e daquelas que não foram tratadas³⁹. Para se atingir

³⁶ *Met.* II, 3, 995a13-14.

³⁷ *Met.* II, 3, 995a15-17.

³⁸ *Met.* III, 1, 995a28.

³⁹ *Met.* III, 1, 995a27-29. Berti (1998, p. 78) afirma que “apenas essa completude, com efeito, pode garantir a validade dos resultados obtidos mediante a refutação progressiva, isto é, eliminação, das várias aporias consideradas”.

adequadamente esse ponto, Aristóteles parece considerar indispensável a reunião do maior número de opiniões.

Contudo, parece haver uma lacuna na proposta metodológica de Aristóteles. O estagirita parece não explicar como identificamos as dificuldades nas opiniões dos predecessores, nem como distinguir as opiniões bem formuladas das que não são, e muito menos como se pode saber quais dificuldades não foram tratadas. No entanto, Aristóteles parece preencher essa aparente lacuna⁴⁰ ao tentar justificar a necessidade do conhecimento prévio das dificuldades apresentadas anteriormente para solucionar bem as dificuldades futuras⁴¹. O total desconhecimento das dificuldades junto à falta do elemento norteador da investigação levam ao “andar em ignorância” (βαδίξεν ἀγνοοῦσι)⁴², uma espécie de vaguear sem saber aonde ir.

O que Aristóteles parece sugerir é que sem um certo conhecimento prévio das dificuldades e um fim determinado, o investigador está condenado a vaguear sem chegar a lugar algum, semelhante a Alice, no conto de Lewis Carroll⁴³, que, perdida, pergunta ao gato onde vai a estrada, este, por sua vez, prontamente a responde dizendo que “para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve”. As palavras de Aristóteles são reveladoras porque parece sugerir que o filósofo já tem a resposta que ele supostamente estaria buscando nas opiniões dos predecessores⁴⁴. Isso pode nos levar a algumas dificuldades que só poderão ser solucionadas se fizermos a distinção entre o que Aristóteles recomenda como modo de investigação e aquilo que ele mesmo faz.

⁴⁰ A ideia de uma “aparente lacuna” se baseia na hipótese de que os escritos aristotélicos seriam “notas das quais Aristóteles se servia para preparar seus cursos” (AUBENQUE, 2012, p. 18). Desta forma, seria possível que omissões fossem encontradas em algumas notas e preenchidas posteriormente por outras.

⁴¹ *Met.* III. 1, 995a33-995b2. Berti (1998, p. 78-79) identifica na exposição de Aristóteles três momentos: 1) a “*aporia*”; 2) o “desenvolver da *aporia*”; 3) a “*euporia*” ou solução da *aporia*.

⁴² *Met.* III. 1, 995a36.

⁴³ CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: L&PM, 2003.

⁴⁴ Berti (1998) sugere que Aristóteles está propondo uma resposta original ao problema posto por Platão no *Menon*. Em suas palavras, Berti (1998, p. 80) afirma que: “para encontrar-se o que se procura, é necessário, de um lado, não o conhecer ainda, do contrário não se o procuraria, e, de outro, já conhecê-lo, para poder reconhecer se, enfim, se encontrou justamente o que se procurava.” Para Berti (1998, p. 80), Platão recorreria a “teoria da reminiscência” enquanto a resposta de Aristóteles seria identificar nas *aporias* o caminho que não levaria a contradição por meio do “procedimento diaporético”.

Aubenque⁴⁵ (2012, p. 21) justifica que algumas dificuldades na compreensão do texto aristotélico se dão pela hipótese de a ordem do texto não expressar uma ordem do que foi falado, de exposição ou de pesquisa. Para Aubenque, o texto apresenta uma “ordem de exposição de uma pesquisa”, uma espécie de reconstrução da pesquisa efetiva de Aristóteles. Admitindo essa hipótese, o autor sugere que “tem-se, às vezes, a impressão de que Aristóteles ‘problematiza’ com fins pedagógicos uma dificuldade que ele já resolveu...” (*idem ibidem*). Se por um lado Aristóteles recomenda começar a investigação pelas “dificuldades” (ἀπορίαι) contidas nas opiniões dos predecessores, por outro, é possível que esse não tenha sido o ponto de partida do próprio Aristóteles, o que obriga uma escolha metodológica por parte do intérprete, como aponta Aubenque:

A resposta a essa questão supõe inicialmente uma escolha do intérprete. Uma vez reconhecido que é impossível expor Aristóteles na ordem incompleta na qual ele próprio se expressa e cuja incompletude foi agravada pelo acaso da transmissão, trata-se de escolher entre a ordem suposta da exposição, isto é, do sistema acabado, e a ordem igualmente suposta da pesquisa. (AUBENQUE, 2012, p. 21.)

Sendo as escolhas igualmente problemáticas, optou-se por seguir o segundo caminho⁴⁶, entendendo que essa é a hipótese que melhor se adequa a visão do autor deste artigo. Definida a escolha metodológica, sugere-se a observação das informações iniciais do livro primeiro da *Metafísica* como indicações, ainda que fragmentárias, do possível itinerário seguido por Aristóteles.

É em *Met. I. 2*, 982b12-15 que se parece encontrar o verdadeiro ponto de partida da investigação aristotélica. Se o início do tratado aponta para a tendência natural que os homens têm para o saber⁴⁷, o passo indicado identifica “o espanto” (τὸ θαυμάζειν)⁴⁸ como origem do “filosofar” (φιλοσοφεῖν). Pela descrição do filósofo, o espanto com coisas menores vai pouco a pouco

⁴⁵ As citações de Pierre Aubenque foram feitas como base na tradução brasileira de sua obra (*O problema do ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica*, 2012), acompanhada da consulta à versão francesa (*Le problème de l'être chez Aristote – Essai sur la problématique aristotélicienne*, 1962) para garantir a precisão das palavras do autor e corrigir eventuais erros de tradução.

⁴⁶ Aubenque (2012, p. 21-22) também opta por esse caminho.

⁴⁷ πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει (*Met. I. 1*, 980a21).

⁴⁸ Heidegger (2018, p. 38-9) explica como *thaumázein* é “aquilo de onde nasce o filosofar e que constantemente determina sua marcha”.

levando o homem a “dificuldade maiores” (τῶν μειζόνων διαπορήσαντες)⁴⁹. O decimo segundo livro da Metafísica parece reforça essa afirmação, apresentando como Aristóteles usou os movimentos dos astros, especificamente a lua, como ponto de partida para o desenvolvimento de sua teoria. As informações contidas no passo supracitado parecem revelar a verdadeira origem da investigação, implicando na necessidade de contrastar o que expressamente Aristóteles estabelece como princípio do método diaporético e o que ele possivelmente estaria fazendo.

Se por um lado, Aristóteles afirma que devemos começar pelas opiniões, por outro, ele mesmo parece indicar que a origem da investigação está no espanto com a realidade. É partindo da tentativa de compreensão da realidade que Aristóteles parece elaborar sua teoria, que posteriormente é confrontada com as propostas dos seus predecessores. A impressão⁵⁰ é que, partindo de sua própria resposta, o estagirita passaria a identificar as dificuldades apresentadas, fazendo-se o próprio juiz⁵¹ que determina quais opiniões estão bem formuladas, quais não estão e quais não foram identificadas.

Aristóteles não parece estar vagueando entre as opiniões dos predecessores ao chegar à conclusão da teoria das causas, por exemplo. Berti (1998) define a exposição das doutrinas dos filósofos predecessores como “uma espécie de confirmação histórica”⁵². A justificativa de Berti (1998, p. 76) é que Aristóteles busca, com a reconstituição das opiniões dos predecessores, mais que uma narrativa histórica, uma confirmação filosófica para suas teses. Usando o exemplo das causas, Berti confirma como Aristóteles reconhece nas opiniões dos predecessores as quatro causas por ele apontada (*idem ibidem*). O fato de não ser apresentada nenhuma outra causa, além das que Aristóteles apontou, reforça a validade da doutrina aristotélica, na opinião de Berti (1998)⁵³. O passo seguinte é passar “a criticar cada uma das filosofias precedentes, mostrando que nenhuma entendeu adequadamente o tipo de causa descoberto por ela e, sobretudo, que nenhuma especificou todas as quatro simultaneamente” (*idem*, p. 77).

⁴⁹ Aubenque (2012, p. 86) acrescenta que “o correlato do espanto é a *aporia*”.

⁵⁰ AUBENQUE, 2012, p. 21.

⁵¹ Berti (1998, p. 80) confirma a comparação com o debate judiciário e afirma que Aristóteles compara o filósofo àquele que, posteriormente, julga quais argumentos são válidos ou não.

⁵² BERTI, 1998, p. 76.

⁵³ Segundo Berti, “Aristóteles mostra que cada um dos quatro gêneros de causas por ele especificadas foi, de algum modo, reconhecido por alguns dos filósofos precedentes” (1998, p. 77).

Mais uma vez é necessário chamar a atenção para o que Aristóteles diz e o que parece fazer. O filósofo parece não só recolher as opiniões dos predecessores como apropriar-se delas, aproveitando-as naquilo que ele considera a verdadeira dificuldade⁵⁴. A partir de sua formulação do problema, Aristóteles parece demonstrar em que as opiniões dos predecessores lhe serviram, destacando assim a importância de alguns desses predecessores e a irrelevância de outros, como no caso daqueles que ele não chega nem a mencionar em suas obras. Contudo, levando em consideração o que Aristóteles estabeleceu como ponto de partida da filosofia, no livro primeiro, a sua formulação do problema não parece estar nas opiniões, mas na realidade. Seria a partir da compreensão da realidade que Aristóteles passaria a descrever o seu processo como teoria, aproveitando as opiniões dos predecessores naquilo que ele mesmo julgou serem pertinentes.

Na medida em que o filósofo afirma a necessidade de recolher as opiniões dos predecessores, ele também se coloca como uma espécie de juiz. A exposição e a crítica mencionadas por Berti (1998), só parecem fazer sentido se for levado em consideração que o filósofo não parte do nada e que, além do ponto de partida, ele tem um fim objetivo a ser alcançado⁵⁵. Esse parece ser o modo próprio do método diaporético, como sugere Aubenque:

Desenvolver uma aporia (*diaporein*) e recolher as opiniões de seus predecessores são dois procedimentos complementares pois a história da filosofia não faz outra coisa senão distender as hesitações e as contradições pelas quais o filósofo que colocará os mesmos problemas deverá passar por sua vez. O diálogo dos filósofos no tempo nos faz assistir a um tipo de *ascese* da verdade: não devir inelutável, mas prova laboriosa. Tal é a utilidade da história: abreviar, pela experiência das provas passadas, os anos de aprendizagem dos filósofos a vir. (AUBENQUE, 2012, p. 94.)

As opiniões dos predecessores, mesmo acumuladas, terão pouco proveito se o investigador não souber o que fazer com elas. Para identificar as aporias nas exposições dos que primeiro raciocinaram sobre certos pontos, as formulações que estão bem expressas e quais não estão, bem como desenvolver novas aporias, parece ser necessário que o investigador já tenha uma certa resposta à pergunta que foi posta por ele mesmo e que lhe serve não só como ponto de partida, tal como um fio condutor da pesquisa. A partir desse

⁵⁴ Aubenque (2012) sugere a ideia de “diálogo” entre Aristóteles e os predecessores.

⁵⁵ Retomando o passo em *Met.* I. 2, 983a21-23 é possível reforçar essa hipótese.

ponto, o investigador passa a recolher das opiniões dos seus predecessores, referindo e criticando aquilo que julga relevante para sua pesquisa, apropriando-se daquilo que acha bem formulado para, finalmente, apresentar sua tese.

CONCLUSÃO

O que se pode extrair do exposto aqui é que, para Aristóteles, as dificuldades da pesquisa não parecem surgir da leitura das opiniões dos predecessores, mas da própria realidade. É diante da realidade que o filósofo se espanta e, movido pelo impulso natural pelo saber, busca, na medida que acumula experiências, respostas para questões que ele mesmo se colocou. Mas Aristóteles parece reconhecer que as experiências pessoais não são suficientes, e ensina que na reunião das opiniões dos predecessores o investigador estará em uma posição melhor para julgar, não somente a respeito das próprias formulações, mas também em relação às que são melhores para a construção de sua tese. É reconhecendo, nas opiniões dos predecessores, os “nós” a desatar que o investigador passa a validar sua resposta, tornando-a robusta na medida em que se insere num quadro teórico mais amplo e relevante, na medida que possivelmente resolve certas dificuldades que nem sempre foram postas pelos primeiros investigadores.

Em suma, sugere-se que o “método diaporético” consiste em uma espécie de reconstrução da pesquisa efetiva de Aristóteles, que se apresenta basicamente de quatro formas: epistemológica, histórica, hermenêutica e dialética. A pesquisa é epistemológica na medida que o investigador tem como fim a posse de determinada ciência, um saber que resulta da soma de muitas experiências adquiridas, colhidas não só da percepção, como da conceituação de universais e do recolhimento das opiniões de outros. É histórica na medida que propõe recolher as opiniões dos predecessores a fim de identificar as dificuldades e apresentar um suposto quadro das discussões sobre um determinado tema. É hermenêutica porque se apresenta como uma forma de interpretação das opiniões, julgando quais formulações são melhores e quais não são, à medida que se apropria das que melhor se adequam à sua pesquisa. Por fim, é dialética na medida que o investigador confronta as opiniões umas com as outras e depois com a sua própria, apresentado sua resposta como uma espécie de síntese que soluciona as aporias supostamente apresentadas pelos predecessores.

[Recebido em novembro/2022; Aceito em janeiro/2023]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética Nicomáquea*. Trad. y notas: Julio Pallí Bonet. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. Trilingüe. Grego – Espanhol – Latim. Trad. Yebra, Valentín García. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- AUBENQUE, Pierre. *O problema do ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica*. São Paulo: Paulus, 2012.
- AUBENQUE, Pierre. *Le problème de l'être chez Aristote*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- BARNES, J. (ed.). *The Complete Works of Aristotle*. 2 vols. New Jersey: Princeton University Press, 1984.
- BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- BERTI, Enrico. *Estrutura e significado da Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2012.
- HEATH, Malcolm. Cognition in Aristotle's Poetics. *Mnemosyne*, 62 (1). p. 51-75. White Rose Research Online. Disponível em: <https://brill.com/view/journals/mnem/62/1/article-p51_4.xml>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto: a filosofia?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- IRWIN, Terence. O caráter aporético da Metafísica de Aristóteles. In: ZINGANO, Marco (org). *Sobre a Metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- PEREIRA, Oswald Porchat. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.